

Introdução

Agora, a maioria dos homens começa a ir em direção à posição do artista. Jamais o homem chegou tão perto de sua plenitude; ele não tem mais desculpas metafísicas. Ele não tem mais nada em que se projetar. Ele está liberado da irresponsabilidade. Ele nem mesmo pode se negar como ser total. Já que nenhuma transferência é possível, resta-lhe viver o presente, a arte sem arte, como uma nova realidade (CLARK, 1980, p.29).

Esta dissertação pretende se debruçar sobre o experimentalismo de Lygia Clark, com ênfase na fase derradeira, a *Estruturação do Self*. Longe de se tentar dar conta de um trabalho que ainda levanta problemas para a teoria da arte, procurou-se deixá-lo dialogar com outros campos do conhecimento, solicitados pela própria experiência com a obra. Assim sendo, a pesquisa incorporou autores como Félix Guattari, Suely Rolnik e Donald Winnicott. Mesmo notoriamente ligados à psicanálise, os três poderiam oferecer a este trabalho um olhar sobre a obra de Lygia Clark que não a dissocia de uma postura ética, pelo seu total comprometimento com aquele que vive suas proposições. Com o apoio dos textos da própria artista e de outros autores, buscamos enfocar o potencial de transformação do *homem comum* pela arte proposto em seu experimentalismo. Através de Lygia Clark tem-se uma abordagem na arte institucionalizada – mesmo que ainda resistente à normatização – que consideramos ser de extrema importância nos dias de hoje: o que fazemos em nosso cotidiano, anônimo e aparentemente inútil diante da realidade que só nos desencoraja a seguir, é a única coisa concreta que temos. Ao dar à ação local a dimensão poética do absoluto, Lygia Clark continua nos chamando à reflexão e à ação.

Fundir-se no coletivo. Abrir o corpo às informações não formuladas que metabolizaremos e expulsaremos através de novas maneiras de estar no mundo. Fragilizar-se, liberar-se do molde que ajudamos a construir ao nosso redor. Sentir a *carne* do mundo em nossa *carne* (Merleau-Ponty), sem dentro nem fora, conscientes de que o precário do indivíduo é o absoluto que enxergamos no coletivo. Vimos na obra de Lygia Clark um chamado à vivência do

entrelaçamento com o mundo, primeira motivação desta pesquisa, que pretende mostrar diversos indícios de tal convite nessa produção da arte experimental.

Nos primeiros meses de vida experimentamos a fusão com o coletivo. No princípio somos só corpo, com ele nos informamos e nos formamos, inicialmente sem qualquer hierarquia do sensível que nos fragmente, ao mesmo tempo em que não somos unidade. Sequer há uma divisão entre o “eu” (*self*) e o outro. Desde cedo realizamos separações para podermos existir como indivíduos, amplificadas quando entramos em contato com a cultura, que se encarrega de gerar e difundir todo tipo de diferenciação. Não se trata de buscar um retorno, mas de enxergar, na própria cultura, convites para outro tipo de fusão. Se num extremo da vida fundida com o mundo, vemos os bebês com sua *ilusão onipotente* de que tudo é por eles criado (Winnicott), em outro estão os indivíduos comuns tragados pelas exigências do cotidiano, numa vida sem sentido e de constante adaptação. Ao longo de mais de vinte anos de investigação, Lygia Clark se engaja nessa questão do despertar criativo do homem reificado. A artista utilizou sua posição privilegiada no espaço público – com a qual tantas vezes se mostrou desconfortável – para propiciar um tempo e um espaço em que o sujeito pudesse criar a partir do trabalho corporal.

Este trabalho estabelece uma cartografia da produção de Lygia Clark, iniciada em seu contato com as idéias neoconcretistas (1959), desenvolvendo-se até a *Estruturação do Self* (1976-1988), espécie de arte/terapia. Apresenta-se a discussão sobre questões que envolveram o debate concretista-neoconcretista, ocorrido nos anos 1960, a penetração do pensamento *merleau-pontyano* nas poéticas da vanguarda artística brasileira de então, e a relação dessas teorias com as propostas experimentais de Lygia Clark. Assim, elegemos algumas obras visando uma espécie de inventário das fases *Nostalgia do Corpo*, *A casa é o corpo*, *O corpo é a casa (Arquiteturas Biológicas)*, *Fantasmática do corpo/Corpo coletivo*; registro animado pela questão das subjetividades em contínua reelaboração.

Ao longo da pesquisa sobre a arte experimental de Lygia Clark, iniciada com o interesse pela “fusão” no coletivo através das experiências que propunha, encontrou-se traços de possibilidade para a elaboração de novas subjetividades, por seu engajamento com o despertar criativo do sujeito. Para isso, foi incorporado o pensamento de Félix Guattari e de Suely Rolnik, com os conceitos

“produção de subjetividade” e “processos de singularização”, aqui entendidos, no limite, como movimentos de opressão e liberação respectivamente.

Trataremos também da tensão existente entre as esferas pública e privada, elemento importante para o compromisso da obra de Lygia Clark, que incorpora a dimensão social a partir do trabalho com indivíduos. Neste ponto, a pesquisa debruça-se sobre os aspectos políticos dessa proposta artística singular, ancorando-se em textos de Suely Rolnik – que relaciona atividade artística e ativismo – e Hannah Arendt, com sua crítica à tradição filosófica, que “abafou” o poder da ação por sua imprevisibilidade e irreversibilidade na rede das relações humanas. Através do apoio teórico de Suely Rolnik e Donald W. Winnicott, procuramos encontrar vestígios que pudessem efetivamente levar o participante da *Estruturação do Self* a um estar no mundo mais criativo diante da realidade objetiva.

Num outro momento, voltamo-nos para o cenário internacional que se configura nos anos 1980 com a “terceira geração de crítica institucional”, manifestação aberta ao diálogo com outros campos do conhecimento, classificada por Brian Holmes de “extradisciplinar”. A partir dessas questões que habitam os debates sobre o circuito de arte, tornaremos a nos deter mais especificamente à obra híbrida de Lygia Clark e à situação limite em que se colocou, tocando o campo da psicanálise.

Talvez a impossibilidade de acompanhar os desdobramentos de seus primeiros trabalhos experimentais na vida do participante tenha levado Clark a aproximar-se, pela convivência, daqueles que se dispuseram a realizar suas proposições. Certa vez disse ter encontrado um novo público, os alunos que freqüentavam seu curso na Sorbonne. A partir de então, Lygia percebe a importância do processo no caminho que leva à liberação do poético e não mais dispensará tal contato, chegando às sessões individualizadas da *Estruturação do Self*. A convivência e o processo propiciariam a abertura do corpo e do psiquismo do sujeito, que perde a rigidez de sua identidade: pelo frágil, pelo precário e até pela doença, Lygia Clark busca encontrar a cura para o entorpecimento generalizado.